

SIGMUND  
**FREUD**

OBRAS COMPLETAS VOLUME 12

INTRODUÇÃO AO NARCISISMO,  
ENSAIOS DE METAPSICOLOGIA  
E OUTROS TEXTOS

**(1914-1916)**

TRADUÇÃO PAULO CÉSAR DE SOUZA

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da tradução © 2010  
by Paulo César Lima de Souza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Os textos deste volume foram traduzidos de *Gesammelte Werke*, volume x, (Londres: Imago, 1946). Os títulos originais estão na página inicial de cada texto. A outra edição alemã referida é *Studienausgabe* (Frankfurt: Fischer, 2000).

Capa e projeto gráfico  
warrakloureiro

Imagens das pp. 3 e 4  
Esfinge, séc. V a.C., 7x18,5 cm  
Máscara, Egito, séc. XII a.C., 24,5x19 cm  
Freud Museum, London

Preparação  
Célia Euvaldo

Índice remissivo  
Luciano Marchiori

Revisão  
Angela das Neves  
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Freud, Sigmund, 1856-1939.  
Introdução ao narcisismo : ensaios de metapsicologia e outros textos  
(1914-1916) / Sigmund Freud ; tradução e notas Paulo César de Souza  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Títulos originais: *Gesammelte Werke* e *Studienausgabe*  
“Obras completas volume 12”.  
ISBN 978-85-359-1606-5

---

1. Metapsicologia 2. Narcisismo 3. Psicanálise i. Título. CDD-150.195

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Narcisismo : psicanálise : ensaios de metapsicologia 150.195

[2010]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORASCHWARCZ LTDA  
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
www.companhiadasletras.com.br

# SUMÁRIO

<b>ESTA EDIÇÃO</b>	9
<b>INTRODUÇÃO AO NARCISISMO (1914)</b>	13
[ENSAIOS DE METAPSICOLOGIA]	
<b>OS INSTINTOS E SEUS DESTINOS (1915)</b>	51
<b>A REPRESSÃO (1915)</b>	82
<b>O INCONSCIENTE (1915)</b>	99
I. JUSTIFICAÇÃO DO INCONSCIENTE	101
II. A PLURALIDADE DE SENTIDOS DO INCONSCIENTE E O PONTO DE VISTA TOPOLÓGICO	108
III. SENTIMENTOS INCONSCIENTES	114
IV. TOPOLOGIA E DINÂMICA DA REPRESSÃO	118
V. AS CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS DO SISTEMA /CS	126
VI. A COMUNICAÇÃO ENTRE OS DOIS SISTEMAS	131
VII. A IDENTIFICAÇÃO DO INCONSCIENTE	138
<b>COMPLEMENTO METAPSICOLÓGICO À TEORIA DOS SONHOS (1917 [1915])</b>	151
<b>LUTO E MELANCOLIA (1917 [1915])</b>	170
<b>COMUNICAÇÃO DE UM CASO DE PARANOIA QUE CONTRADIZ A TEORIA PSICANALÍTICA (1915)</b>	195
<b>CONSIDERAÇÕES ATUAIS SOBRE A GUERRA E A MORTE (1915)</b>	209
I. A DESILUSÃO CAUSADA PELA GUERRA	210
II. NOSSA ATITUDE PERANTE A MORTE	229
<b>A TRANSITORIEDADE (1916)</b>	247
<b>ALGUNS TIPOS DE CARÁTER ENCONTRADOS NA PRÁTICA PSICANALÍTICA (1916)</b>	253
I. AS EXCEÇÕES	254
II. OS QUE FRACASSAM NO TRIUNFO	260
III. OS CRIMINOSOS POR SENTIMENTO DE CULPA	284

<b>TEXTOS BREVES (1915-1916)</b>	287
PARALELO MITOLÓGICO DE UMA IMAGEM OBSESSIVA	288
UMA RELAÇÃO ENTRE UM SÍMBOLO E UM SINTOMA	291
CARTA À DRA. HERMINE VON HUG-HELLMUTH	294
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b>	296

## ESTA EDIÇÃO

Esta edição das obras completas de Sigmund Freud pretende ser a primeira, em língua portuguesa, traduzida do original alemão e organizada na sequência cronológica em que apareceram originalmente os textos.

A afirmação de que são obras completas pede um esclarecimento. Não se incluem os textos de neurologia, isto é, não psicanalíticos, anteriores à criação da psicanálise. Isso porque o próprio autor decidiu deixá-los de fora quando se fez a primeira edição completa de suas obras, nas décadas de 1920 e 1930. No entanto, vários textos pré-psicanalíticos, já psicológicos, serão incluídos nos dois primeiros volumes. A coleção inteira será composta de vinte volumes,\* sendo dezenove de textos e um de índices e bibliografia.

A edição alemã que serviu de base para esta foi *Gesammelte Werke* [Obras completas], publicada em Londres entre 1940 e 1952. Agora pertence ao catálogo da editora Fischer, de Frankfurt, que também recolheu num grosso volume, intitulado *Nachtragsband* [Volume suplementar], inúmeros textos menores ou inéditos que haviam sido omitidos na edição londrina. Apenas alguns deles foram traduzidos para a presente edição, pois muitos são de caráter apenas circunstancial.

A ordem cronológica adotada pode sofrer pequenas alterações no interior de um volume. Os textos conside-

\* O tradutor agradece o generoso auxílio de Mariana Moreau, que durante um ano lhe permitiu se dedicar exclusivamente à tradução deste volume.

rados mais importantes do período coberto pelo volume, cujos títulos aparecem na página de rosto, vêm em primeiro lugar. Em uma ou outra ocasião, são reunidos aqueles que tratam de um só tema, mas não foram publicados sucessivamente; é o caso dos artigos sobre a técnica psicanalítica, por exemplo. Por fim, os textos mais curtos são agrupados no final do volume.

Embora constituam a mais ampla reunião de textos de Freud, os dezessete volumes dos *Gesammelte Werke* foram sofrivelmente editados, talvez devido à penúria dos anos de guerra e de pós-guerra na Europa. Embora ordenados cronologicamente, não indicam sequer o ano da publicação de cada trabalho. O texto em si é geralmente confiável, mas sempre que possível foi cotejado com a *Studienausgabe* [Edição de estudos], publicada pela Fischer em 1969-75, da qual consultamos uma edição revista, lançada posteriormente. Trata-se de onze volumes organizados por temas (como a primeira coleção de obras de Freud), que não incluem vários textos secundários ou de conteúdo repetido, mas incorporam, traduzidas para o alemão, as apresentações e notas que o inglês James Strachey redigiu para a *Standard edition* (Londres, Hogarth Press, 1955-66).

O objetivo da presente edição é oferecer os textos com o máximo de fidelidade ao original, sem interpretações ou interferências de comentaristas e teóricos posteriores da psicanálise, que devem ser buscadas na imensa bibliografia sobre o tema. Também informações sobre a gênese e a importância de cada obra podem ser encontradas na literatura secundária, principalmente na biografia em três volumes de Ernest Jones (lançada no

Brasil pela Imago, do Rio de Janeiro) e no mencionado aparato editorial da *Standard* inglesa.

A ordem de publicação destas *Obras completas* não é a mesma daquela das primeiras edições alemãs, pois isso implicaria deixar várias coisas relevantes para muito depois. Decidiu-se começar por um período intermediário e de pleno desenvolvimento das concepções de Freud, em torno de 1915, e daí proceder para trás e para adiante.

Após o título de cada texto há apenas a referência bibliográfica da primeira publicação, não a das edições subsequentes ou em outras línguas, que interessam tão somente a alguns especialistas. Entre parênteses se acha o ano da publicação original; havendo transcorrido mais de um ano entre a redação e a publicação, a data da redação aparece entre colchetes. As indicações bibliográficas do autor foram normalmente conservadas tais como ele as redigiu, isto é, não foram substituídas por edições mais recentes das obras citadas. Mas sempre é fornecido o ano da publicação, que, no caso de remissões do autor a seus próprios textos, permite que o leitor os localize sem maior dificuldade, tanto nesta como em outras edições das obras de Freud.

As notas do tradutor geralmente informam sobre termos e passagens de versão problemática, para que o leitor tenha uma ideia mais precisa de seu significado e para justificar em alguma medida as soluções aqui adotadas. Nessas notas são reproduzidos os equivalentes achados em algumas versões estrangeiras dos textos, em línguas aparentadas ao português e ao alemão. Não utilizamos as duas versões das obras completas já aparecidas em português, das

editoras Delta e Imago, pois não foram traduzidas do alemão, e sim do francês e do espanhol (a primeira) e do inglês (a segunda).

No tocante aos termos considerados técnicos, não existe a pretensão de impor as escolhas aqui feitas, como se fossem absolutas. Elas apenas pareceram as menos insatisfatórias para o tradutor, e os leitores e psicanalistas que empregam termos diferentes, conforme suas diferentes abordagens e percepções da psicanálise, devem sentir-se à vontade para conservar suas opções. Ao ler essas traduções, apenas precisarão fazer o pequeno esforço de substituir mentalmente “instinto” por “pulsão”, “instintual” por “pulsionais”, “repressão” por “recalque”, ou “Eu” por “ego”, exemplificando. No entanto, essas palavras são poucas, em número bem menor do que geralmente se acredita.

Esta edição não pretende ser definitiva, pelo simples motivo de que um clássico dessa natureza nunca recebe uma tradução definitiva. E, tendo sido planejada por alguém que se aproximou de Freud pela via da linguagem e da literatura, destina-se não apenas aos estudiosos e profissionais da psicanálise, mas a todos aqueles que, em vários continentes, leem e se exprimem nessa que um grande poeta português chamou de “nossa clara língua majestosa” e um eminente tradutor e poeta brasileiro qualificou de “portocáldido, brasilírico idiomaterno”.

P.C.S.

# INTRODUÇÃO AO NARCISISMO (1914)

TÍTULO ORIGINAL: "ZUR EINFÜHRUNG  
DES NARCISSMUS". PUBLICADO  
PRIMEIRAMENTE EM *JAHRBUCH  
DER PSYCHOANALYSE* [ANUÁRIO  
DE PSICANÁLISE], V. 6, PP. 1-24.  
TRADUZIDO DE *GESAMMELTE WERKE*,  
PP. 138-70; TAMBÉM SE ACHA  
EM *STUDIENAUSGABE* III, PP. 37-68.

|

O termo “narcisismo” vem da descrição clínica e foi es-colhido por P. Näcke, em 1899, para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos. Desenvolvido a esse ponto, o narcisismo tem o significado de uma perversão que absorveu toda a vida sexual da pessoa, e está sujeito às mesmas expectativas com que abordamos o estudo das perversões em geral.

Chamou a atenção da pesquisa psicanalítica o fato de características isoladas da conduta narcisista serem encontradas em muitas pessoas sujeitas a outros distúrbios, como os homossexuais, segundo Sadger, e por fim apareceu a conjectura de que uma alocação da libido que denominamos narcisismo poderia apresentar-se de modo bem mais intenso e reivindicar um lugar no desenvolvimento sexual regular do ser humano.<sup>1</sup> À mesma conjectura chegou-se a partir das dificuldades da psicanálise com neuróticos, pois era como se tal comportamento narcísico fosse um dos limites de sua suscetibilidade à influência. Nesse sentido, o narcisismo não seria uma perversão, mas o

<sup>1</sup> Otto Rank, “Ein Beitrag zum Narzissismus” [Uma contribuição sobre o narcisismo], *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, v. 3, 1911.

complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo.

Um motivo premente para nos ocuparmos com a ideia de um narcisismo primário e normal apareceu quando se fez a tentativa de incluir o que sabemos da *dementia praecox* (Kraepelin) ou esquizofrenia (Bleuler) sob a hipótese da teoria da libido. Esses doentes, que eu sugeri designar como parafrênicos, mostram duas características fundamentais: a megalomania e o abandono do interesse pelo mundo externo (pessoas e coisas). Devido a esta última mudança, eles se furtam à influência da psicanálise, não podendo ser curados por nossos esforços. Mas o afastamento do parafrênico face ao mundo externo pede uma caracterização mais precisa. Também o histérico e o neurótico obsessivo abandonam, até onde vai sua doença, a relação com a realidade. A análise mostra, porém, que de maneira nenhuma suspendem a relação erótica com pessoas e coisas. Ainda a mantêm na fantasia, isto é, por um lado substituem os objetos reais por objetos imaginários de sua lembrança, ou os misturam com estes, e por outro lado renunciam a empreender as ações motoras para alcançar as metas relativas a esses objetos. Apenas a esse estado da libido se deveria aplicar o termo usado por Jung sem distinção: o de *introversão* da libido. Sucede de outro modo com o parafrênico. Este parece mesmo retirar das pessoas e coisas do mundo externo a sua libido, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando isso vem a ocorrer, parece ser algo secundá-

rio, parte de uma tentativa de cura que pretende reconduzir a libido ao objeto.<sup>2</sup>

Surge a pergunta: qual o destino da libido retirada dos objetos na esquizofrenia? A megalomania própria desses estados aponta-nos aqui o caminho. Ela se originou provavelmente à custa da libido objetal. A libido retirada do mundo externo foi dirigida ao Eu, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de narcisismo. No entanto, a megalomania mesma não é uma criação nova, e sim, como sabemos, a ampliação e o explicitamento de um estado que já havia existido antes. Isso nos leva a apreender o narcisismo que surge por retração dos investimentos objetais como secundário, edificado sobre um narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias.

Insisto em que não pretendo esclarecer ou aprofundar o problema da esquizofrenia, mas apenas reúno o que foi dito em outros lugares, a fim de justificar uma introdução ao narcisismo.

Um terceiro elemento que concorre para essa extensão — legítima, ao que me parece — da teoria da libido vem de nossas observações e concepções da vida psíquica das crianças e dos povos primitivos. Encontramos neles traços que, isoladamente, podem ser atri-

<sup>2</sup> Ver, relacionado a isso, a discussão do “fim do mundo”, na minha análise do *Senatspräsident Schreber, Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, v. 3, 1911; e também K. Abraham, “Die psychosexuellen Differenzen der Hysterie und der dementia praecox”, 1908 (*Klinische Beiträge zur Psychoanalyse*) [Zentralblatt für Nervenheilkunde und Psychiatrie, v. 19].

buídos à megalomania: uma superestimação do poder de seus desejos e atos psíquicos, a “onipotência dos pensamentos”, uma crença na força mágica das palavras, uma técnica de lidar com o mundo externo, a “magia”, que aparece como aplicação coerente dessas grandiosas premissas.<sup>3</sup> Esperamos encontrar uma atitude análoga face ao mundo externo nas crianças de nossa época, cujo desenvolvimento é para nós mais impenetrável.<sup>4</sup> Formamos assim a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam. Essa parte da alocação da libido ficou inicialmente oculta para a nossa pesquisa, cujo ponto de partida eram os sintomas neuróticos. Notamos apenas as emanações dessa libido, os investimentos de objeto que podem ser avançados e novamente recuados. Enxergamos também, em largos traços, uma oposição entre libido do Eu e libido de objeto. Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra. A mais elevada fase de desenvolvimento a que chega esta última aparece como estado de enamoramento; ele se nos apresenta como um abandono da própria personalidade em favor do investimento de objeto, e tem seu contrário na fantasia (ou

<sup>3</sup> Ver as seções correspondentes em meu livro *Totem e tabu*, de 1913.

<sup>4</sup> S. Ferenczi, “Entwicklungstufen des Wirklichkeitssinnes” [Estágios de desenvolvimento do sentido da realidade, *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. 1], 1913.

autopercepção) de fim do mundo dos paranoicos.<sup>5</sup> Por fim concluímos, quanto à diferenciação das energias psíquicas, que inicialmente estão juntas no estado do narcisismo, sendo indistinguíveis para a nossa grosseira análise, e que apenas com o investimento de objeto se torna possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia dos instintos do Eu.

Antes de prosseguir, devo tocar em duas questões que nos levam ao centro das dificuldades do tema.\* Primeira: que relação há entre o narcisismo, de que agora tratamos, e o autoerotismo, que descrevemos como um estágio inicial da libido? Segunda: se admitimos para o Eu um investimento primário com libido, por que é necessário separar uma libido sexual de uma energia não sexual dos instintos do Eu? Postular uma única energia psíquica não pouparia todas as dificuldades da separação entre energia dos instintos do Eu e libido do Eu, libido do Eu e libido de objeto? Sobre a primeira questão, observo o seguinte: é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o

5 Há dois mecanismos desse “fim do mundo”: quando todo o investimento libidinal flui para o objeto amado e quando todo ele refluí para o Eu.

\* Não há espaço de uma linha vazia entre esse parágrafo e o anterior na edição alemã utilizada, *Gesammelte Werke*. Mas, considerando que faz sentido um espaço nesse ponto e que ele se acha numa edição alemã mais recente (*Studienausgabe*), resolvemos incorporá-lo, aqui e em alguns outros lugares. [As notas chamadas por asterisco e as interpolações às notas do autor, entre colchetes, são de autoria do tradutor. As notas do autor são sempre numeradas.]

começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo.

A solicitação para que dê uma resposta definida à segunda questão deve suscitar em todo psicanalista um perceptível mal-estar. Não nos sentimos bem ao abandonar a observação em favor de estéreis disputas teóricas, mas não podemos nos furtar a uma tentativa de esclarecimento. É certo que noções como a de uma libido do Eu, energia dos instintos do Eu e assim por diante não são particularmente fáceis de apreender nem suficientemente ricas de conteúdo; uma teoria especulativa das relações em jogo procuraria antes de tudo obter um conceito nitidamente circunscrito como fundamento. Acredito, no entanto, ser justamente essa a diferença entre uma teoria especulativa e uma ciência edificada sobre a interpretação da empiria. Esta não invejará à especulação o privilégio de uma fundamentação limpa, logicamente inatacável, mas de bom grado se contentará com pensamentos básicos nebulosos, dificilmente imagináveis, os quais espera apreender de modo mais claro no curso de seu desenvolvimento, e está disposta a eventualmente trocar por outros. Pois essas ideias não são o fundamento da ciência, sobre o qual tudo repousa; tal fundamento é apenas a observação. Elas não são a parte inferior, mas o topo da construção inteira, podendo ser substituídas e afastadas sem prejuízo. Em nossos dias vemos algo semelhante na física, cujas concepções básicas sobre matéria, centros de força, atração

etc. não seriam menos problemáticas do que as correspondentes na psicanálise.

O valor dos conceitos de libido do Eu e libido de objeto está em que derivam da elaboração de características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos. A distinção entre uma libido que é própria do Eu e uma que se atém aos objetos constitui o inevitável prosseguimento de uma primeira hipótese, que separava instintos sexuais de instintos do Eu. Pelo menos a isso me levou a análise das puras neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva), e sei apenas que todas as tentativas de prestar contas de tais fenômenos por outros meios fracassaram radicalmente.

Dada a completa ausência de uma teoria dos instintos que de algum modo nos orientasse, é lícito, ou melhor, é imperioso experimentar alguma hipótese de maneira consequente, até que falhe ou se confirme. Há vários pontos em favor da hipótese de uma diferenciação original entre instintos sexuais e instintos do Eu, além de sua utilidade para a análise das neuroses de transferência. Admito que somente esse fator não seria inequívoco, pois poderia ser o caso de uma energia psíquica indiferente, que apenas com o ato do investimento de objeto se torna libido. Mas essa distinção conceitual corresponde, primeiro, à separação popular tão corriqueira entre fome e amor. Em segundo lugar, considerações *biológicas* se fazem valer em seu favor. O indivíduo tem de fato uma dupla existência, como fim em si mesmo e como elo de uma corrente, à qual serve contra — ou, de todo modo, sem — a sua vontade. Ele vê a sexualidade mesma como

um de seus propósitos, enquanto uma outra reflexão mostra que ele é tão somente um apêndice de seu plasma germinal, à disposição do qual ele coloca suas forças, em troca de um bônus de prazer — o depositário mortal de uma (talvez) imortal substância, como um morgado, que possui temporariamente a instituição que a ele sobreviverá. A distinção entre instintos sexuais e do Eu apenas refletiria essa dupla função do indivíduo. Em terceiro lugar é preciso não esquecer que todas as nossas concepções provisórias em psicologia devem ser, um dia, baseadas em alicerces orgânicos. Isso torna provável que sejam substâncias e processos químicos especiais que levem a efeito as operações da sexualidade e proporcionem a continuação da vida individual naquela da espécie. Tal probabilidade levamos em conta ao trocar as substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais.

Precisamente porque em geral me esforço para manter longe da psicologia tudo o que dela é diferente, inclusive o pensamento biológico, quero neste ponto admitir expressamente que a hipótese de instintos sexuais e do Eu separados, ou seja, a teoria da libido, repousa minimamente sobre base psicológica, escorando-se essencialmente na biologia. Então serei consistente o bastante para descartar essa hipótese, se a partir do trabalho psicanalítico mesmo avultar outra suposição, mais aproveitável, acerca dos instintos. Até agora isso não aconteceu. Pode ser que — em seu fundamento primeiro e em última instância — a energia sexual, a libido, seja apenas o produto de uma diferenciação da energia que atua normalmente na psique. Mas tal afirmação não tem muito

alcance. Diz respeito a coisas já tão remotas dos problemas de nossa observação e de que possuímos tão escasso conhecimento, que é ocioso tanto combatê-la quanto utilizá-la; possivelmente essa identidade primeva tem tão pouco a ver com nossos interesses psicanalíticos quanto o parentesco primordial de todas as raças humanas tem a ver com a prova de que se é parente do testador, exigida para a transmissão legal da herança. Não chegamos a nada com todas essas especulações. Como não podemos esperar até que uma outra ciência nos presenteie as conclusões finais sobre a teoria dos instintos, é bem mais adequado procurarmos ver que luz pode ser lançada sobre esses enigmas biológicos fundamentais por uma síntese dos fenômenos psicológicos. Estejamos cientes da possibilidade do erro, mas não deixemos de levar adiante, de maneira consequente, a primeira hipótese mencionada de uma oposição entre instintos sexuais e do Eu, que se nos impôs através da análise das neuroses de transferência, verificando se ela evolui de modo fecundo e livre de contradições e se pode aplicar-se também a outras afecções, à esquizofrenia, por exemplo.

Naturalmente a situação seria outra, caso se provasse que a teoria da libido já fracassou na explicação da última doença mencionada. C. G. Jung fez tal afirmação,<sup>6</sup> e obrigou-me assim a esta última discussão, que eu bem gostaria de ter evitado. Teria preferido seguir até o final o curso tomado na análise do caso Schreber, silenciando

6 *Wandlungen und Symbole der Libido* [Transformações e símbolos da libido], 1912.

a respeito de suas premissas. A afirmação de Jung é no mínimo precipitada. Seus fundamentos são parcос. Primeiro ele invoca o meu próprio testemunho, segundo o qual, devido às dificuldades da análise de Schreber, fui obrigado a estender o conceito de libido, isto é, a abandonar o seu conteúdo sexual, identificando libido com interesse psíquico propriamente. O que se poderia dizer para corrigir tal equívoco de interpretação já foi dito por Ferenczi, numa sólida crítica do trabalho de Jung.<sup>7</sup> Resta-me apenas corroborar sua crítica e repetir que não expressei tal renúncia à teoria da libido. Um outro argumento de Jung, segundo o qual não é concebível que a perda da normal função do real possa ser causada apenas pela retração da libido, não é um argumento, mas um decreto; *it begs the question*,<sup>\*</sup> antecipa a decisão e evita a discussão, pois o que deve ser investigado é justamente se e como isto é possível. No seu trabalho grande seguinte,<sup>8</sup> Jung passou ligeiramente ao lado da solução que eu havia indicado há muito: “Nisso deve-se considerar ainda — aliás, algo a que Freud se refere em seu trabalho acerca do caso Schreber — que a introversão da *libido sexualis* conduz a um investimento do ‘Eu’, me-

<sup>7</sup> S. Ferenczi, resenha de C. G. Jung, *Wandlungen und Symbole der Libido* [em *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, v. 1], 1913.

\* Em inglês no original; pode ser traduzido por “incore em petição de princípio”. O sentido é explicitado por Freud no texto, logo em seguida.

<sup>8</sup> “Versuch einer Darstellung der psychoanalytischen Theorie” [Ensaio de exposição da teoria psicanalítica, *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*], 1913.

diante o qual possivelmente se produz o efeito da perda da realidade. Constitui de fato uma possibilidade tentadora explicar desse modo a psicologia da perda da realidade". Mas ele não se detém muito nessa possibilidade. Algumas linhas adiante ele a dispensa, com a observação de que partindo dessa condição "se chegaria à psicologia de um anacoreta ascético, não a uma *dementia praecox*". Uma comparação inadequada, que não leva a decisão alguma, como nos ensina a observação de que um tal anacoreta, que "se empenha em erradicar todo traço de desejo sexual" (mas apenas no sentido popular do termo "sexual"), não precisa mostrar sequer uma colocação patogênica da libido. Ele pode ter afastado inteiramente dos seres humanos o interesse sexual, sublimando-o num elevado interesse por coisas divinas, naturais, animais, sem haver experimentado uma inversão de sua libido a suas fantasias ou um retorno dela ao seu Eu. Parece que tal comparação despreza antecipadamente a distinção possível entre o interesse vindo de fontes eróticas e o de outras fontes. Se recordarmos também que as investigações da escola suíça, apesar de todo o seu mérito, trouxeram luz apenas sobre dois pontos do quadro da *dementia praecox*, a existência de complexos achados tanto em pessoas sadias como em neuróticos e a similitude entre as suas construções fantasiosas e os mitos dos povos, mas de resto não conseguiram esclarecer o mecanismo da doença, então poderemos rechaçar a afirmação de Jung, segundo a qual a teoria da libido fracassou ao lidar com a *dementia praecox* e por isso está liquidada também para as outras neuroses.